

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Bolsonarismo testa positivo.....	2
Título: Alcolumbre está contaminado pelo coronavírus.....	4
Título: Bolsonaro nega erro e critica ‘histeria’	6
Título: Queda do petróleo pressiona Petrobras.....	8
Título: Wintershall DEA avalia leilões da ANP.....	10
Título: Ciclo de baixa deve levar a Braskem a prejuízo	11
Título: Minério segue acima de US\$ 90 com receios quanto à oferta global	13
Título: Alívio para aéreas sai desidratado por Guedes	13
Título: Usinas vão doar álcool em gel.....	15
Título: Milho ‘revolucionaria’ norte de MT	16
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	19
Título: Covid-19 atinge primeiro chefe de Poder	19
Título: O vírus pegou Bolsonaro.....	20
Título: Gasolina e diesel têm 9a. queda no preço.....	22
Título: O petróleo afunda.....	23
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	23
Título: Presidente e Mandetta ignoram protocolo do uso de máscara	23
Título: Enfraquecido, Bolsonaro é alvo de novo painel pelo país e tenta reagir	26
VEÍCULO: O Globo.....	29
Título: Dois ministros, Alcolumbre e mais 15 da comitiva de Bolsonaro estão infectados ..	29
Título: Bolsonaro reage com novo pacote, mas é recebido com painéis.....	31
Título: IBGE suspende coleta de preços da inflação por coronavírus	33

Título: Rio perde R\$ 3,4 bilhões	35
Título: Polícia Federal acusa Aécio Neves de receber R\$ 65 mi em propina	35
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	37
Título: Petrobras reduz o preço do gás	37
Título: Duas faces sob a máscara	38

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Política

Autor: Maria Cristina Fernandes

Título: Bolsonarismo testa positivo

“Quero agradecer em nome da saúde do Brasil”. Foi com essas oito palavras que Luiz Henrique Mandetta transformou a puxada de tapete do presidente da República numa escada. Na guerra de sobrevivência política em que se transformou o combate à pandemia, o ministro da Saúde convocou o “partido sanitarista”, comunidade de profissionais da saúde que, 50 anos atrás, se uniu para montar o SUS e hoje o mantém acima das rixas partidárias. Apesar dos agrados sucessivos ao presidente, o ministro o colocou na condição de quem presta serviços a este partido.

Em contrapartida, o ministro prestou-se ao papel de médico avalista de uma encenação destinada a mostrar que o presidente não está isolado. Com máscaras sob a coreografia de tira-e-bota-deixa-ficar e sentados a centímetros de distâncias uns dos outros, parecia um trupe de sobreviventes depois de anunciada a segunda baixa, do **ministro Bento Albuquerque (Minas e Energia)**, um dia depois de noticiado contágio de Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional).

Isolado na República, Bolsonaro fica tolhido no governo

O presidente convocou a encenação dois dias depois de Mandetta reunir-se com os presidentes da Câmara, do Senado e do Supremo Tribunal Federal, numa tentativa de mostrar que não é a criança irresponsável que desce a rampa para brincar com manifestantes enquanto os adultos adotam medidas para evitar que o país sucumba à pandemia.

O capitão montou o palco horas antes do painel contra seu mandato. Estava disposto a ofuscar Mandetta e se mostrar no comando desta nau doente e desgovernada. Só que não. Bolsonaro abriu a entrevista justificando-se pelos cumprimentos aos manifestantes do domingo dizendo que, em todo o Brasil, não excederam 1 milhão de pessoas - “equivalente a 20% da população que usa o transporte coletivo em São Paulo diariamente”. Esqueceu de explicar que se ainda há muitos se expondo ao risco de entrar no metrô é porque não têm alternativa. Disse saber dos riscos que corria mas havia optado por descer a rampa porque, pela “índole militar”, ele “nunca abandonaria o povo brasileiro”.

Disposto a provar que não convocou manifestações a seu favor, na contramão dos fatos, fez a propaganda de outra, o painel a seu favor. Uma tentativa de se apropriar de uma expressão que, até aqui, serviu para demonstrar rechaço político, a começar pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, de onde partiu em sua marcha para Brasília. Errático, entre as estocadas na imprensa e a busca de uma autoridade perdida, Bolsonaro mostrou-se incapaz de desmontar a imagem de presidente que fez pouco caso da saúde dos brasileiros com a ideia de que o coronavírus não passa de fantasia ou guerra de panelas.

Coube a Mandetta cruzar os braços e olhar para o outro lado quando o almirante Antonio Barra Torres, diretor da Agência de Vigilância Sanitária, que falou imediatamente depois do ministro da Economia, Paulo Guedes, começou a enumerar as portarias que havia assinado. Em seguida, vieram os ministros da Justiça (Sergio Moro), da Defesa (Fernando Azevedo), da Infraestrutura (Tarcísio Freitas), do Desenvolvimento Regional (Rogério Marinho) e da Casa Civil (Braga Netto) para só então o titular da Saúde ter vez.

Mandetta, em compensação, falou mais do que todos os seus anteriores juntos. Sentiu-se tão seguro na abertura que derrapou na respostas aos jornalistas. Avançou destemido, porém, contra o escanteio para o qual o presidente tentou jogá-lo porque parece convencido de que tomou o lugar de Guedes como âncora deste governo. O ministro da Economia agiu como um condenado a rasgar todos os dogmas do estado mínimo pelos quais sempre rezou ao anunciar o socorro aos ‘uberizados’.

O ministro da Saúde entrou na guerra com as armas da propaganda: o SUS está em todas as cidades, quilombos e aldeias indígenas do país e “estará ao lado dos 215 milhões de brasileiros”. Foi destemido na comparação com outros países que, na sua contabilidade, começaram a perder pacientes com 80 casos, enquanto o Brasil registrou o primeiro óbito quando já contava 290 doentes, e propagou, como quem é capaz de encher um balde para apagar um incêndio, o lançamento de serviços de telemedicina para a orientação de pacientes à distância.

Não é o gerente do comitê de crise, hoje nas mãos do ministro da Casa Civil, mas agiu como tal ao recomendar cautela nas decisões dos Estados de fechar estradas, que poderiam vir a prejudicar a logística no trânsito de alimentos e medicamentos. E, finalmente, tratou como parte do campo de batalha o stress, a notícia enviesada, as opiniões de especialistas e até a ansiedade daqueles que não percebem que o momento é de calma. Só faltou dizer que faz parte lidar com um presidente como Bolsonaro, mas limitou-se a dizer que ele é o grande timoneiro. A saudação, àquela altura, quando o presidente havia se ocupado a falar mais da imprensa do que do futuro do Brasil, mostrava que o menino levado continuava no quintal enquanto os adultos se ocupavam com as decisões.

Mandetta retribuiu a menção feita por Fernando Azevedo e Silva. O discurso do ministro da Defesa - “Isso é uma guerra contra um inimigo invisível, feroz e dedicado” - coincidiu mais com o tom do titular da Saúde do que com aquele usado pelo comandante-em-chefe.

Aparentemente deslumbrado com seu próprio desempenho, o ministro da Saúde derrapou ao descredenciar a recomendação da Organização Mundial de Saúde de que todos sejam testados. Mencionou o que imaginava ser a população da Coreia do Sul - “Uma coisa é vacinar 4 milhões de pessoas” - país que tem 51 milhões de habitantes, para dizer que não dava para fazer o mesmo num país de 215 milhões. Também se atrapalhou ao justificar o atrapalhado uso de máscaras.

O painel que se seguiu mostrou que o esforço de Bolsonaro não convenceu. Aquele convocado pelo próprio presidente não teve volume de desagravo. O placar das redes sociais dava 7 x 1, mas no balanço do dia parecia mais apropriado falar em 529 infectados e quatro mortes. Isolado na República, ontem Bolsonaro se mostrou tolhido em seu próprio governo. O vírus ainda não o derrubou, mas já feriu de morte o bolsonarismo.

Maria Cristina Fernandes é jornalista do “Valor”. Escreve às quintas-feiras
E-mail: mcristina.fernandes@valor.com.br

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Política

Autor: Vandson Lima, Renan Truffi, Edna Simão, Fabio Murakawa, Mariana Ribeiro, Lu Aiko Otta e Matheus Schuch — De Brasília

Título: Alcolumbre está contaminado pelo coronavírus

O presidente do Senado e do Congresso Nacional, Davi Alcolumbre (DEM-AP), é o primeiro chefe de Poder a receber o resultado positivo de teste para a covid-19. Alcolumbre já havia feito um teste anteriormente, cujo resultado foi negativo. Refez o exame na noite de terça-feira e o resultado saiu ontem à noite, algumas horas depois de dois ministros de Bolsonaro revelarem que também se contaminaram: o ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, e o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**.

Heleno e Albuquerque estavam na comitiva do presidente Jair Bolsonaro que viajou à Flórida, onde também se contaminou o secretário de Comunicação Social, Fabio Wajngarten, o secretário de Comércio Exterior, Marcos Troyjo, a advogada Karina Kufa, o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Braga de Andrade, o embaixador Nestor Forster e até o prefeito de Miami, Francis Suarez. Um dos contaminados foi o senador Nelsinho Trad (PSD-MS), que disse ter abraçado metade do Congresso Nacional nos últimos dias.

Segundo a assessoria de Alcolumbre, o presidente do Senado “está bem, sem sintomas severos, salvo alguma indisposição, e segue em isolamento domiciliar, conforme determina o protocolo de conduta do Ministério da Saúde e a OMS”.

Na segunda-feira, ele participou de encontro com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Dias Toffoli, e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta.

Na pauta do Senado, está para ser votado o próprio decreto do presidente Jair Bolsonaro que declara estado de calamidade pública no país, aprovado ontem pela Câmara.

No Congresso Nacional, aguardam pautas importantes: uma série de vetos presidenciais e projetos de regulamentação do Orçamento impositivo, incluindo o chamado PLN 4.

As pautas do Congresso Nacional são feitas por Alcolumbre, assim como as sessões deliberativas, que são convocadas e agendas por ele. Além disso, é o presidente do Congresso Nacional quem comanda esse tipo de votação conjunta, com senadores e deputados.

Também está previsto para terça-feira uma sessão no Senado, outra que seria conduzida por Alcolumbre, com o objetivo de votar o decreto que institui o estado de calamidade pública no Brasil. Ele inauguraria o novo sistema de votação do Senado, que será remoto.

O ministro Augusto Heleno não apresenta sintomas. Ele ficará sob isolamento domiciliar, entretanto. Ele comunicou o resultado pelo Twitter. “Informo que o

resultado do meu segundo exame, realizado no Hospital das Forças Armadas (HFA), acusou positivo. Aguardo a contraprova da Fiocruz. Estou sem febre e não apresento qualquer dos sintomas relacionados à covid-19. Estou isolado, em casa, e não atenderei telefonemas”, escreveu.

O diagnóstico de Bento Albuquerque foi tornado público pelo presidente Jair Bolsonaro, durante a entrevista coletiva que concedeu sobre o decreto de utilidade pública.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Política

Autor: Fabio Murakawa, Matheus Schuch e Marcelo Ribeiro — De Brasília

Título: Bolsonaro nega erro e critica ‘histeria’

Criticado por sua condução da crise provocada pelo coronavírus no país, o presidente Jair Bolsonaro dobrou ontem a aposta. Falando em uma entrevista coletiva ao lado de oito ministros, todos usando máscaras cirúrgicas, o presidente negou ter errado ao participar no domingo de uma manifestação que teve como alvo principal o Congresso, criticou a imprensa por criar uma “histeria” após esses atos e aproveitou para divulgar um pênalti em seu favor, previsto para acontecer na noite de ontem .

A entrevista ocorreu um dia depois de Bolsonaro ter enviado ao Congresso um pedido de autorização para decretar calamidade pública no país por conta da pandemia, que até ontem havia matado ao menos quatro pessoas. E começou com o anúncio, feito por Bolsonaro, de que o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, também havia contraído a doença. Horas antes, um de seus auxiliares mais próximos também havia testado positivo - o ministro Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional (GSI).

Bolsonaro, que na semana passada em Miami disse que “a questão do coronavírus não é tudo isso o que a grande mídia propaga”, afirmou que o sinal amarelo do governo acendeu quando os primeiros brasileiros ficaram presos na cidade chinesa de Wuhan, em janeiro. Disse que, a partir dali o governo começou a se preparar para a crise, que, também na Flórida, ele classificou como “fantasia”.

O presidente, então, cutucou o governador do Rio, Wilson Witzel (PSC), seu desafeto.

“Alguns achavam que deveríamos suspender o Carnaval”, disse. “Tivemos o exemplo de um governador que queria proibir os brasileiros de ir à praia. Foi um fracasso e mais pessoas foram à praia.”

E, como se justificasse sua atitude de dar a mão a apoiadores no domingo, quando a epidemia já se espalhava pelo país, Bolsonaro citou a festa de inauguração do canal de notícias CNN, no mesmo dia. E afirmou que, assim como muitos jornalistas que cobrem guerra assumem riscos, ele também assumiu o risco de não abandonar os brasileiros que faziam uma manifestação em seu apoio.

Apesar de ter vários auxiliares e pessoas com quem convive infectados, Bolsonaro negou ter colocado em risco seus fãs, uma vez que seu exame para a doença havia apontado a ausência do vírus.

“A partir do momento que não estou infectado, ao ter contato com quem quer que seja não estou colocando em risco a vida ou a saúde daquela pessoa. Não descumpro qualquer orientação sanitária [...]. Como chefe do Executivo, líder maior da nação, tenho que estar lá na frente, junto com meu povo”, disse. “Não se surpreenda se você me vir nos próximos dias entrando num metrô lotado em São Paulo, numa barcaça Rio-Niterói em horário de pico, num ônibus em Belo Horizonte. Não é demagogia ou populismo, é uma demonstração de que estou ao lado do povo na alegria e na tristeza.”

Bolsonaro voltou, então, a dizer que há um “sentimento de histeria” em torno da covid-19. E afirmou que isso começou após a sua participação nos protestos.

“Esse sentimento de histeria passou a acontecer depois do dia 15 de março. A minha obrigação como chefe de Estado é me antecipar a problemas, levar a verdade à população brasileira, mas que essa verdade não ultrapasse o limite do pânico”, afirmou. “Como disse o ministro da Saúde agora há pouco, nós passaremos por isso, já tivemos problemas mais graves no passado que não tiveram essa comoção toda ou repercussão toda por parte da mídia brasileira.”

Presente à coletiva, o presidente substituto da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antonio Barra Torres, recebeu elogios de Bolsonaro. Barra Torres acompanhava Bolsonaro no domingo, quando ele tocou apoiadores no Planalto. Ao apresentar executivo, Bolsonaro disse que sua agência “voltou a ser tudo o que sempre queríamos: ativa e atuante”.

Barra Torres falou antes do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que até a mudança de postura de Bolsonaro, ontem, vinha sendo o maior protagonista no combate à epidemia.

Bolsonaro negou relatos publicados em alguns veículos de imprensa que tenha cobrado do ministro uma postura de mais apoio político. “Repito o que diz o nosso ministro da Saúde, com o qual não tenho nenhum problema com ele, diferentemente do que parte da mídia ainda prega”, disse.

Mandetta, por sua vez, disse que Bolsonaro é o “grande timoneiro desse barco”, como era chamado Mao Tsé-tung, líder da China durante a Revolução Cultural.

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), afirmou ontem que, ao receber imagens da coletiva do presidente Jair Bolsonaro e dos ministros, viu o governo mais organizado para trabalhar no combate ao coronavírus. “Hoje, vi uma foto de um governo tentando organizar o enfrentamento à crise. Acho que, talvez pela primeira vez, a gente tenha visto uma foto onde a sociedade possa falar: agora sim começaram se preocupar com a vida das pessoas”, disse Maia. Ele alegou problemas de agenda para não se reunir com Bolsonaro para falar sobre a crise do coronavírus, conforme chegou a ser divulgado por Bolsonaro.

Maia disse estar à disposição do governo, destacou que foca seu trabalho pelo diálogo e cobrou uma pauta que não seja um encontro que tenha como objetivo fazer “uma fotografia”. “O presidente nos convida para conversar, queremos organizar a pauta, saber qual é e com isso poder avançar no diálogo objetivo que construa soluções para os brasileiros. Não apenas uma pauta para fotografia”. Ele afirmou ainda que o importante é que na primeira reunião que aconteça, “seja amanhã ou depois de amanhã”, ele saia dela com pontos organizados, soluções e articulação.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho — Do Rio

Título: Queda do petróleo pressiona Petrobras

A queda dos preços internacionais do petróleo voltou a se intensificar ontem e tocou pela primeira vez, em 17 anos, o patamar abaixo de US\$ 25 o barril, aproximando-se do limite que garante o equilíbrio econômico das operações da Petrobras. Se persistir por mais tempo, a desvalorização da commodity deve pressionar a estatal a anunciar, em breve, uma revisão do seu plano de negócios, apostam analistas consultados pelo **Valor**.

Em meio ao agravamento das medidas de isolamento social para tentar conter a disseminação do novo coronavírus, a cotação do Brent para maio recuou 13,4%, ontem, para US\$ 24,88 o barril, o menor valor desde 2003. Diante da nova queda dos preços do petróleo, nos últimos dias, a Petrobras reduz hoje os seus preços nas refinarias para a gasolina (-12%), diesel (-7,5%) e gás liquefeito do petróleo (-5%). No ano, a estatal já acumula uma redução de 30,1% nos preços da gasolina e de 29,1% no diesel, ante uma desvalorização de 59% do Brent em 2020.

Em meio ao nervosismo do mercado e do derretimento das ações da empresa na Bolsa, fontes que operam com papéis da companhia reclamam da comunicação sobre as mudanças nos preços da petroleira. Hoje, a estatal comunica seus reajustes aos clientes (essencialmente as distribuidoras) na véspera da mudança da tabela de preços. É comum que a informação sobre esses reajustes vaze, mas num mercado onde segundos fazem a diferença nas transações na bolsa, o mecanismo cria uma assimetria no acesso à informação sobre os reajustes entre concorrentes, operadores do mercado de capitais e a imprensa.

Com a desvalorização do petróleo, as projeções de preços são aos poucos revistas. O Goldman Sachs já enxerga o Brent a US\$ 20 o barril no segundo trimestre, enquanto a Administração de Informações de Energia dos EUA (EIA, na sigla em inglês) prevê o barril a US\$ 37 no mesmo período e a US\$ 43 na média do ano.

Nos pregões mais recentes, o óleo tem se aproximado cada dia mais do “breakeven” (preço de equilíbrio econômico) que a estatal trabalha para os próximos anos. A estatal precisa de um barril a US\$ 25 (US\$ 21 no pré-sal), na média anual, para pagar 100% dos custos e despesas de seus campos. Para o desenvolvimento de novos projetos no pré-sal, a Petrobras considera um preço de equilíbrio entre US\$ 35 e US\$ 45.

Por isso, os analistas Leonardo Marcondes e André Hachem, do Itaú BBA, acreditam que a Petrobras anunciará revisões em seu plano de investimentos e controle adicional de custos nas próximas semanas ou mês, se o cenário de preços baixos se mantiver.

O banco destaca, em relatório a clientes, que se o preço médio do óleo se mantiver abaixo de US\$ 50 o barril no ano, a desvalorização comerá a posição de caixa da empresa. Desconsiderada a venda de ativos e mantido o atual cronograma de pagamento de dívidas, a geração de fluxo de caixa da Petrobras em 2020 será prejudicada nos níveis do Brent abaixo de US\$ 50. “Mas a Petrobras está, atualmente, em posição de caixa confortável”, ressaltam os analistas.

Sobre a necessidade de revisão do plano de negócios da petroleira, o banco lembra que a Petrobras já encomendou oito das 13 novas plataformas que entrarão em produção nos próximos cinco anos. O Itaú BBA acredita que os principais projetos do pré-sal, como Búzios e Itapu, têm menos probabilidade de serem adiados em relação ao pós-sal. O banco assume que, se a estatal revisar seus planos, o cenário mais provável seria a empresa adiar projetos para diluir os pagamentos e preservar caixa.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 19/03/2020****Seção: Empresas****Autor: Rodrigo Polito — Do Rio****Título: Wintershall DEA avalia leilões da ANP**

A petroleira diz que não registrou impacto nos projetos no país por conta da covid-19

A petroleira alemã Wintershall DEA estuda participar dos próximos leilões de áreas exploratórias com potencial de óleo e gás no Brasil. A medida faz parte da estratégia de diversificação da atuação global. Com relação aos efeitos da pandemia do novo coronavírus, a empresa diz avaliar continuamente a situação, mas não registrou impacto nos projetos no país.

“Estamos avaliando cuidadosamente novas oportunidades de negócios em geral e também examinamos e avaliamos a possível participação nas próximas rodadas de licitações. Isso está alinhado à nossa estratégia mais ampla de crescer através da construção de uma base sólida de diversos ativos de alta qualidade em várias bacias e em vários estágios do ciclo de vida de E&P”, disse a empresa ao **Valor**.

Ontem, mais cedo, em entrevista coletiva via internet, devido à pandemia, o presidente global da petroleira, Mario Mehren, afirmou que o Brasil é um “pilar importante” na estratégia de crescimento do grupo. Nos últimos dois anos, a companhia arrematou nove blocos exploratórios nos leilões da Agência Nacional do Petróleo (ANP), desembolsando R\$ 168 milhões em bônus de assinatura.

Dos blocos que possui no Brasil, a petroleira é operadora em quatro áreas, sendo três na Bacia Potiguar e uma na Bacia do Ceará. A empresa também possui 20% de participação em dois blocos na Bacia de Santos e em três na Bacia de Campos, todos em parceria com a americana Chevron (40%) e a espanhola Repsol (40%).

Os ativos no Brasil ainda estão em fase inicial de exploração. “É muito cedo para divulgar números futuros de investimentos [no Brasil]”, informou companhia.

Sobre os efeitos do novo coronavírus, a petroleira disse que está “avaliando continuamente o desenvolvimento da situação e implementando medidas para manter as operações comerciais em todos os momentos, com risco mínimo para

nossos funcionários e a sociedade em geral. Atualmente, não há impacto no andamento de nossos projetos”.

Segundo Mehren, todos os funcionários da empresa no Brasil estão trabalhando de suas casas.

Para 2020, a Wintershall DEA prevê investir globalmente entre € 1,2 bilhão e € 1,5 bilhão. Esse valor, explicou Mehren, já está ajustado em relação ao novo cenário do mercado petrolífero.

A empresa também reduziu a previsão de investimentos em exploração para este ano, para um valor entre € 150 milhões e € 250 milhões, ante os € 341 milhões realizados em 2019. A companhia também suspendeu a distribuição de dividendos.

Diante desse quadro, Mehren sinalizou que a petroleira pode aguardar um melhor cenário para realizar a oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) na bolsa de Frankfurt, na Alemanha. Formada a partir da fusão no ano passado entre a Wintershall e a Deutsche Erdoel AG (DEA), a empresa previa fazer a abertura de mercado em meados deste ano.

“Não é segredo que o IPO dependerá, obviamente, das condições do mercado”, disse ele.

Em 2019, a produção da Wintershall DEA alcançou 642 milhões de barris de óleo equivalente (BOE) por dia, volume 9% superior em relação a 2018. Desse total, cerca de 70% são de gás natural e o restante de petróleo.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes — De São Paul

Título: Ciclo de baixa deve levar a Braskem a prejuízo

Resultado médio projetado por Safra, Santander e UBS, de R\$ 513 milhões no quarto trimestre, é mais de seis vezes superior à perda de R\$ 78 milhões um ano antes

A persistência do ciclo de baixa no setor petroquímico pesou sobre o desempenho da Braskem em todas as regiões no fim do ano passado e levou a empresa a registrar piora importante dos resultados no quarto trimestre, segundo analistas que acompanham o setor. No intervalo, os spreads -

diferença de preços em relação à matéria-prima - do polietileno (PE) e do polipropileno (PP) se mantiveram em declínio devido à entrada em operação de novas fábricas, em um momento de desaceleração da demanda, e deixaram marcas negativas na rentabilidade dos produtores. Maior produtora de resinas das Américas, a Braskem divulga balanço hoje no fim do dia.

Como resultado do ambiente ainda desafiador para as petroquímicas, Safra, Santander e UBS projetam prejuízo líquido médio de R\$ 513 milhões no quarto trimestre, mais de seis vezes superior à perda de R\$ 78 milhões apurada um ano antes. As estimativas variaram entre R\$ 272 milhões e R\$ 869 milhões negativos.

Para a receita líquida da petroquímica, Safra e UBS preveem, na média, baixa de 14% na comparação anual, a R\$ 12,7 bilhões. Já o resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) deve ter recuado 41% na mesma comparação, para R\$ 1,12 bilhão, com base na média das projeções dos três bancos.

Para o UBS, a perda no trimestre pode ser maior, pois a estimativa não leva em conta o potencial impacto negativo de R\$ 2,7 bilhões do acordo firmado com autoridades relativo aos problemas geológicos em Maceió (AL) associados à extração de sal-gema da Braskem pelo Serviço Geológico Brasileiro (CPRM). Em 6 de janeiro, informou que destinaria R\$ 1,7 bilhão para indenizar 4,5 mil famílias residentes em áreas de risco da capital e mais R\$ 1 bilhão para iniciar o fechamento de poços de sal-gema.

Na avaliação de Luiz Carvalho, do UBS, do lado dos spreads de petroquímicos, o maior risco vem do polietileno, pois a concorrência da resina produzida nos EUA a partir do gás natural, que é mais competitivo, segue pressionando os preços no mercado brasileiro. Há ainda receio quanto às margens no negócio de PVC, já que a Braskem deixou de operar de forma integrada com o fechamento das operações de sal-gema em Maceió. A petroquímica passou a importar dicloroetano para produzir PVC e já havia informado que teria um custo adicional de US\$ 40 milhões por trimestre com essa medida.

Nos EUA, diz o analista, os resultados do negócio de PP devem ter sido afetados pela parada para manutenção em uma de suas maiores fábricas. Por outro lado, no complexo do México, a maior disponibilidade de etano por parte da Pemex pode ter trazido algum alívio para os números do trimestre, mas insuficiente para compensar spreads deprimidos do polietileno. Para os analistas do Safra, não houve mudança importante nos spreads no fim do ano, o que significa que as margens seguiram comprimidas. O banco manteve recomendação neutra para as ações, com preço-alvo de R\$ 31 por ação no fim do ano.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 19/03/2020****Seção: Empresas****Autor: Stella Fontes — De São Paulo****Título: Minério segue acima de US\$ 90 com receios quanto à oferta global****Negociações no porto chinês de Qingdao encerraram ontem a US\$ 91,71 a tonelada para o produto com 62% de teor de ferro**

Os preços do minério de ferro seguem surpreendentemente resistentes aos efeitos nefastos da covid-19 sobre a economia global e se mantiveram acima de US\$ 90 por tonelada no mercado transoceânico, na contramão de outras commodities minerais, entre as quais o petróleo. Ontem, o óleo mergulhou abaixo de US\$ 25 o barril, no menor nível em 17 anos, na esteira das restrições à circulação de pessoas adotadas mundo afora para conter a pandemia.

Especificamente no mercado de minério, problemas na oferta a partir do Brasil e da Austrália no início do ano, por questões climáticas, ainda garantem suporte às cotações no curto prazo. Além disso, consultorias internacionais especializadas em commodities informaram que o governo da Malásia mandou a Vale fechar seu centro de distribuição na região a partir desta quarta-feira até o dia 31, como parte das medidas para evitar a disseminação da covid-19.

Em fato relevante, a mineradora confirmou ontem que poderá fechar o centro de distribuição, o que reduziria em 800 mil toneladas as vendas de minério de ferro no primeiro trimestre. Em 2019, o terminal embarcou 23,7 milhões de toneladas da matéria-prima. Ao mesmo tempo, retomada de operações industriais e do consumo na China garante maior demanda.

Segundo a publicação Fastmarkets MB, a tonelada do minério de 62% de pureza fechou a US\$ 91,71 no porto chinês de Qingdao, com ganho de 0,6%. Com esse desempenho, a valorização da commodity supera 9% em março. Em 2020, porém, a perda acumulada é de 0,5%. Na bolsa de mercadorias de Dalian, os contratos mais negociados de minério com entrega em maio subiram 1,65%, para 676 yuans por tonelada. Os futuros de aço, contudo, perderam força no fim do dia diante da piora das perspectivas para a economia mundial.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 19/03/2020****Seção: Empresas****Autor: Daniel Rittner — De Brasília****Título: Alívio para aéreas sai desidratado por Guedes**

Ministro da Economia negou isenção de PIS/Cofins sobre querosene de avião e venda de passagens e retorno de alíquota zero do IR

“Queremos permitir o enfrentamento da crise [do coronavírus] preservando algum fôlego financeiro”, disse o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas — Foto: Carolina Antunes/PR

O governo anunciou ontem três medidas para aliviar os reflexos da crise deflagrada pelo avanço do coronavírus nas empresas aéreas e operadoras privadas de aeroportos. Haverá postergação do recolhimento das tarifas de navegação aérea, adiamento da cobrança de outorga das concessionárias de aeroportos sem incidência de multa e prorrogação das obrigações de reembolso pelas companhias.

Cerca de 85% dos voos internacionais e 50% dos domésticos já foram cancelados pelas empresas, por conta da queda de demanda e da desistência dos passageiros em viajar. A aviação comercial, segundo o Ministério da Infraestrutura, representa 1,9% do PIB.

“É um setor que sofre muito impacto pelos efeitos da crise”, disse o ministro Tarcísio Freitas, notando a realização de mais cancelamentos do que vendas de bilhetes nos últimos dias. “Queremos permitir o enfrentamento da crise preservando algum fôlego financeiro.”

No entanto, a equipe econômica desidratou o pacote de medidas originalmente desenhado por Tarcísio e seus auxiliares, que pensavam em ações mais amplas. Algumas iniciativas tidas como prioritárias na Infraestrutura foram barradas pelo ministro da Economia, Paulo Guedes.

Ele vetou, em um primeiro momento, a isenção de PIS/Cofins sobre querosene de aviação e sobre a comercialização de passagens aéreas. Guedes também negou o pleito de retorno a zero da alíquota de Imposto de Renda sobre o leasing de aeronaves, que foi para 1,5% neste ano e deve ir para 3% em 2021. O movimento de Tarcísio era para que essas ações fossem tomadas em caráter emergencial e temporário, talvez seis meses, por exemplo.

Novas medidas não estão descartadas, mas a equipe econômica preferiu esperar um pouco e ver a evolução do cenário. Agora, o foco deve ser na liberação de capital de giro. Dependendo do período de semiparalisa das operações e dos números das companhias, outras ações podem ser tomadas. Uma das preocupações foi com o efeito fiscal do pacote.

Em relação às tarifas de navegação aérea, um decreto presidencial vai definir que os vencimentos de março, abril, maio e junho de 2020 ficam postergados para, respectivamente, setembro, outubro, novembro e dezembro.

Já uma medida provisória versa sobre reembolso de passagens aéreas para solicitações efetuadas até o dia 31 de dezembro de 2020. O prazo para reembolso será de 12 meses. Os consumidores ficarão isentos das penalidades contratuais, mediante a aceitação de crédito para utilização futura.

No caso das operadoras privadas de aeroportos, será alterado o cronograma de pagamento previsto para o ano de 2020 das contribuições fixas e variáveis nos contratos, com a possibilidade de quitação até o dia 18 de dezembro - sem impacto neste ano fiscal.

“As medidas são positivas e estão na direção correta”, afirmou o presidente da Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear), Eduardo Sanovicz.

“Seguimos debatendo com o governo outras medidas, como uma linha de crédito do BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social] e dos bancos públicos para o setor. Agora, abrimos a porta e começamos a conversa de uma forma muito produtiva”, disse.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo

Título: Usinas vão doar álcool em gel

As usinas de cana-de-açúcar vão produzir e doar álcool em gel e álcool 70 para os estabelecimentos da rede pública de saúde para ajudar no combate ao avanço do coronavírus. A ação está sendo coordenada com o governo federal, que precisa autorizar a produção dessas indústrias.

A parceria está sendo alinhada entre a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), o Ministério da Agricultura, o **Ministério de Minas e Energia**, o Ministério da Saúde, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), além das secretarias estaduais de saúde.

A doação foi oficializada ontem pela Unica e pelo Ministério da Agricultura. Um grupo criado ontem pelo Ministério de Minas e Energia com agentes do setor para monitorar o abastecimento do etanol também deve acompanhar a mudança nas regras para a produção de álcool para higiene.

Atualmente, as usinas de cana, que produzem açúcar, álcool para uso como combustível e para uso pela indústria de cosméticos, não têm autorização para fabricar o tipo de álcool usado para assepsia. A ideia é permitir que essas empresas obtenham essa autorização.

Um executivo do setor disse ao **Valor** que está recebendo demanda não apenas do Brasil, mas de vários países, para fornecer álcool para a fabricação de álcool em gel e de assepsia.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 19/03/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Rafael Walendorff — De Sorriso, Sinop e Lucas do Rio Verde

Título: Milho 'revolucionário' norte de MT

Se a soja foi a grande responsável por transformar o médio norte de Mato Grosso em um dos principais polos de produção de grãos do país a partir da década de 1980, o milho desponta, literalmente, como combustível de uma nova revolução.

A instalação de usinas de fabricação de etanol a partir do processamento do cereal tem ajudado a impulsionar a produção e o rendimento das lavouras e dado segurança para o agricultor investir. A cultura, que no passado era plantada no Estado “no escuro”, às vezes como cobertura de solo, deixou de ser “safrinha” e virou um produto nobre.

“O milho está causando uma revolução ainda mais intensa do que a da soja”, afirma Rodrigo Pasqualli, diretor-executivo da Fundação Rio Verde, instituição privada de pesquisa baseada em Lucas do Rio Verde. “A instalação das empresas de etanol trouxe estabilidade para a cultura. O produtor agora pode saber quanto pode gastar para formatar melhor custos e investimentos”, diz Ilson Redivo, presidente do Sindicato Rural de Sinop, a “capital do Nortão”.

O secretário de Agricultura de Lucas, Márcio Albieri, diz que, no momento, o milho está mais lucrativo que a soja, onde a maior unidade da BRF no país ajuda a manter a demanda aquecida. A satisfação com a cultura também domina Sorriso. “Até então para nós era um calvário. Se não tivéssemos as usinas hoje, estaríamos doando milho”, afirma Tiago Stefanello, presidente do Sindicato Rural do município.

O produtor Rodrigo Pozzobon, que já dependeu das políticas de escoamento de grãos do governo federal para plantar milho, comemora o bom momento. Ele relembra o sufoco que era receber o dinheiro do prêmio em épocas que, sem consumo local, o preço do cereal ficava abaixo do mínimo estabelecido pelo

governo. Políticas de apoio ao escoamento eram recorrentes quando os preços rondavam os R\$ 10 por saca de 60 quilos. Hoje, Pozzobon já negociou parte da colheita de 2021 a R\$ 30.

Segundo a União Nacional do Etanol de Milho (Unem), o Brasil já conta com 15 usinas de etanol de milho em operação, entre unidades que só rodam com o cereal e as que também processam cana (full e flex). Três plantas estão em pré-operação e 23 em fase de projeto. Mato Grosso concentra oito usinas ativas, três em construção e dez em estágio de planejamento. O segmento já emprega cerca de 10 mil pessoas no Estado.

Guilherme Nolasco, presidente da Unem, lembra que, diante dessas transformações, os preços no mercado doméstico se descolaram na bolsa de Chicago, e calcula que a sustentabilidade dos investimentos na cadeia produtiva, também levando em conta as exportações de carnes de aves e suína - o milho é básico na fabricação de rações - depende de cotações entre R\$ 26 e R\$ 31 a saca.

A Política Nacional de Biocombustíveis (Renovabio) e as ações para consolidar o etanol em nível global, com incentivos a seu uso na Índia e na China, são outras diretrizes para alavancar a produção de etanol de milho dos atuais 1,6 bilhão de litros para 8 bilhões até 2028.

É o avanço das compras antecipadas pelas usinas, novidade recente, que tem garantido o travamento dos preços do milho que será colhido apenas na “safrinha” da próxima temporada (2020/21), que só será plantada em janeiro. Mais de 15% da colheita esperada já foi vendida, por preços próximos a R\$ 30. Para a colheita do meio deste ano, a comercialização ultrapassou 73%.

A área plantada aumentou 18% nas últimas cinco safras e já alcançou 5,1 milhões de hectares em Mato Grosso, quase metade na região médio norte do Estado, nos municípios localizados ao longo da BR-163. A produção evoluiu 70% desde 2015 e deverá superar 32 milhões de toneladas neste ciclo 2019/20, segundo estimativas do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea). A produtividade saiu de 73 para 106 sacas por hectare.

Se por um lado o preço fica mais atraente, por outro o custo aumenta, o que pode se refletir em margens nem sempre folgadas e redução do lucro dos produtores. O Imea calcula que o custo chegará a R\$ 3,2 mil por hectare em 2020/21, R\$ 418 a mais que em 2017/18. “E ainda temos um problema de qualidade violento”, afirma Pozzobon, que reclama da produção de grão avariado por conta de um fungo causador de manchas foliares.

Tiago Stefanello diz que a região também sofre com a entrada da cigarrinha e lagarta. “Até então, o custo do milho era menor, as tecnologias estavam funcionando. Hoje temos que fazer duas, três aplicações contra a lagarta”.

Pasqualli, da Fundação Rio Verde, concorda que a busca por mais produtividade eleva custos, mas crê ser possível dobrar o rendimento das lavouras para perto de 200 sacas por hectare. “Já temos resultados de 190 sacas por hectare na safra 2018/19. Temos que equacionar o custo”. Nesse sentido, subprodutos do milho, além da produção de etanol, podem pesar positivamente na balança.

Uma das apostas mais fortes é no crescimento da pecuária com a oferta abundante do DDG, grãos secos e úmidos obtidos a partir do esmagamento do milho que são ricos em proteína para nutrição animal. “Para a agropecuária, é uma virada de página”, diz o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato), Normando Corral.

Ele acredita na progressão mais rápida da mudança do regime de criação do maior rebanho bovino do país (mais de 30 milhões de cabeça) do sistema à pasto para o confinamento. “O DDG é muito bom para isso, com alto teor de proteína, pode dar vazão para os bovinos”, observa.

Mas diversas outras atividades são incentivados: desde a cadeia logística até a da biomassa. A FS Bioenergia, primeira indústria a produzir etanol exclusivamente a partir do milho no Brasil, fomenta o plantio de eucalipto e bambu para geração de lenha para as caldeiras da usina em cerca de 10 mil hectares da região. O plano é chegar a 30 mil. “Áreas degradadas e de baixa produtividade começam a se transformar em produção de eucalipto”, diz Rafael Abud, presidente da empresa.

Já os agricultores familiares de Lucas do Rio Verde, onde está instalada a primeira unidade da FS, são beneficiados até pela cinza gerada pela queima da biomassa. Com alto valor mineral, ela é usada como fertilizante e já aumentou em 30% o rendimento das lavouras de mandioca do município, segundo o secretário de Agricultura, Márcio Albieri.

“Como o volume passou a ser maior, temos acordo com um produtor de biofertilizante da região que ajudamos a desenvolver. Ele pega as cinzas e outros resíduos, faz a compostagem e produz o biofertilizante, que volta para lavouras com sucesso”, explica Abud.

Para garantir a preservação ambiental, a FS Bioenergia informa que criou uma política de “compra responsável”, que mapeia e monitora 100% a origem do milho por meio de uma plataforma georreferenciada. Cerca de 400 produtores e propriedades estão cadastrados e a companhia confere se naquelas áreas

existem embargos, desmatamentos ilegais, agricultores incluídos na lista de trabalho escravo ou sobreposições com áreas indígenas ou quilombolas. Com mercado promissor, as duas unidades da empresa já em operação devem produzir 3 bilhões de litros por ano em breve. A FS tem planos de abrir outras quatro usinas em Mato Grosso.

Em Sinop, o apelo é por mudanças legislativas que permitam a ampliação das áreas. Apesar das características semelhantes aos demais municípios da região, os produtores de lá seguem as regras do bioma amazônico, onde a reserva legal exigida pelo Código Florestal é de 80% da propriedade. Grande parte das fazendas, porém, são áreas consolidadas, abertas antes de 2008, quando era permitido desmatar até 50%.

A prefeita de Sinop, Rosana Martinelli, diz que, mesmo sem abrir novas áreas, apenas com a incorporação de fazendas com pastagens degradadas, é possível dobrar o território cultivado no município.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 19/03/2020

Seção: Política

Autor: Idiana Tomazelli

Título: Covid-19 atinge primeiro chefe de Poder

Presidente do Senado, Davi Alcolumbre está isolado em casa; ministros Heleno e Albuquerque também têm resultado positivo para vírus

O presidente do Senado e do Congresso, Davi Alcolumbre (DEM-AP), é o primeiro chefe de Poder brasileiro infectado com coronavírus. A informação foi confirmada ontem pela assessoria de imprensa e pelo próprio senador nas redes sociais. Dois ministros de Estado do governo de Jair Bolsonaro também tiveram exames positivos confirmados ontem, Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional) e **Bento Albuquerque (Minas e Energia)** “Depois de o primeiro exame dar negativo, o presidente do Congresso, senador Davi Alcolumbre, refez o exame na noite de ontem (anteontem) e, nesta quarta-feira, atestou positivo para covid-19”, diz a nota da assessoria.

“Davi Alcolumbre, no entanto, está bem, sem sintomas severos, salvo alguma indisposição, e segue em isolamento domiciliar, conforme determina protocolo de conduta do Ministério da Saúde e a OMS.” “Sigo trabalhando de casa, por meio de ligações. Temos importantes matérias para serem analisadas”, escreveu Alcolumbre no Twitter. O presidente do Senado participou de diversas reuniões nos últimos dias. Na segunda-feira, esteve ao lado de sete ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), entre eles o presidente da Corte, Dias Toffoli,

além do presidente Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, para tratar das medidas de combate à pandemia da covid-19.

Maia, que também participou de outras reuniões com Alcolumbre nos últimos dias, tem dito a interlocutores que sempre manteve uma distância segura do colega e tomou os cuidados necessários para evitar o contágio. Desde a semana passada, o deputado tem pedido para as pessoas repetirem seu gesto e, anteontem, deixou dois potes de álcool em gel à sua frente enquanto presidia uma sessão na Câmara. O primeiro caso de coronavírus no Legislativo foi do senador Nelsinho Trad (PSD-MT), que fez parte da comitiva aos Estados Unidos. Ao todo, 17 pessoas do grupo contraíram o vírus.

Também foram diagnosticado com a doença os deputados Daniel Freitas (PSL-SC) e Cezinha da Madureira (PSD-SP), que não viajou com a comitiva. No governo, além dos ministros Heleno e Albuquerque, o secretário de Comunicação da Presidência, Fabio Wajngarten já havia testado positivo no início do mês. Outros quatro funcionários do GSI que integraram a equipe que acompanhou Bolsonaro na viagem também estão com o vírus.

Em nota, a assessoria de Comunicação da Presidência do Supremo informou que o ministro Dias Toffoli está seguindo os protocolos definidos pelo Ministério da Saúde e as orientações da Secretaria de Serviços Integrados de Saúde do STF. “Por decisão própria, e como medida extra de segurança, o presidente do STF optou pelo teletrabalho e atuará de casa nas demandas do tribunal em regime de isolamento pelo período mínimo de uma semana.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 19/03/2020

Seção: Colunas

Autor: William Waack

Título: O vírus pegou Bolsonaro

O vírus atingiu o coração do governo. A expressão é literal, considerando a situação do general Augusto Heleno e do **almirante Bento Albuquerque**, mas seu sentido é político. Um caso clássico de como a realidade dos fatos se impõe de forma arrasadora a quem se recusa a enxergá-la. Ou o faz – enxergar os fatos – sob uma perspectiva completamente equivocada.

Foi o que aconteceu com Jair Bolsonaro e alguns de seus conselheiros mais próximos, especialmente os filhos. Presos à versão, estapafúrdia e maluca, como agora se vê, de que o coronavírus seria uma conspiração chinesa aqui utilizada por “elites políticas” para isolar e depor o presidente. As forças

políticas que entendem melhor a realidade (como o “Centrão”) ocuparam rapidamente o espaço que Bolsonaro vem deixando livre desde que assumiu a Presidência.

Como já se disse aqui, o presidente acha que sua força vem da caneta que assina cheques e nomeações quando, na verdade, está na sua imensa capacidade de ditar a agenda política. À qual ele pouco se dedicou. Pode-se até falar de um autoimposto isolamento diante de um “sistema” que, por um lado, de vez em quando, servia ao presidente e a cujas regras obedecia. Por outro, era pelo presidente mencionado como alvo a ser destruído – o mandato que ele afirma ter recebido das urnas.

O isolamento ganhou contornos nítidos e de claro perigo para a autoridade presidencial quando Judiciário e Legislativo, com a participação de órgãos de controle e investigação (TCU e PGR), montaram por dois dias um “gabinete paralelo de crise” que incluía, pelo Executivo, um competente ministro da Saúde cujo destaque causa no presidente ciúmes em vez de orgulho.

É essa perda de autoridade, mesmo entre grupos favoráveis ao presidente, que causou consternação entre alguns de seus ministros mais importantes, que duvidavam da tática determinada por Bolsonaro de ir às ruas para pressionar Congresso e STF. Há ministros militares preocupados com o que chamam de “belicosidade” do presidente. “Ele apanhou muito, quer revidar”, diz um deles, que dá expediente no Planalto, “e ninguém consegue segurar”.

O corrosivo processo se acentua diante de uma percepção generalizada de que o governo está correndo atrás dos fatos. Essa noção se intensificou por dois fatores: a reação inicial do presidente de minimizar a gravidade da doença (erro que Trump se apressou mais rapidamente a corrigir) e a intensidade e vigor com que as principais economias lançaram medidas para enfrentar uma previsível recessão, enquanto no Brasil a conversa inicial foi “aprovem as reformas e a gente segura o tranco”.

A crise do coronavírus apanha o Brasil num momento vulnerável. Se é verdade, como reitera Paulo Guedes, que o País estava decolando e foi surpreendido pela crise, também não se pode ignorar que a lição de casa em termos fiscais mal tinha começado a ser feita.

O Brasil, como país emergente, será sempre julgado pela sua saúde fiscal, e a nossa não é boa de forma alguma. E vamos ter de enfiar a mão fundo nos cofres públicos já encrocados em todos os níveis. As consequências para a economia consegue-se antever, e não são das mais róseas.

As consequências do vírus para a política indicam que o inimigo impessoal, como o vírus, pode servir de justificativa até aceitável para resultados pobres num setor definidor de simpatias políticas, como o bem-estar econômico geral da população, mas é mais difícil de ser combatido no habitual esquema bolsonarista de “nós” contra “eles”.

Há paralelos entre a propagação de um vírus e a criação de um “momento” na política. Começa com pouca gente notando, mas, a partir de certo ponto, a propagação do vírus do descontentamento ou aberta antipatia com um governo e sua figura de proa foge ao controle. O coronavírus é uma ameaça grave para Jair Bolsonaro.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 19/03/2020

Seção: Economia

Autor: Denise Luna / Rio

Título: Gasolina e diesel têm 9a. queda no preço

A Petrobrás vai reduzir o preço da gasolina em 12%, ou menos R\$ 0,18 no litro a partir de hoje nas suas refinarias, e do diesel em 7,5%, menos R\$ 0,13. Esta é a nona queda da gasolina e a oitava do diesel este ano, acumulando baixas de 30,1% e 29,1% respectivamente em 2020.

A queda de preços segue o tombo no valor do petróleo no mercado global, que ontem fechou no menor nível neste século, com cotação de US\$ 20,98 o barril para o tipo WTI e de US\$ 24,88 o barril o tipo Brent. No início do ano, a commodity era negociada a US\$ 70 o barril.

O alastramento do coronavírus no mundo, porém, já afetar todas as economias. No Brasil, a Petrobrás será uma das empresas mais prejudicadas, com analistas já prevendo medidas que terão de ser tomadas pela estatal, como redução de investimentos e prorrogação de uma queda maior da sua pesada dívida. Procurada, a empresa não quis comentar o assunto.

Apesar da queda drástica dos preços nas refinarias, o consumidor ainda não sente esse efeito no bolso. Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a queda nas últimas quatro semanas, quando a crise se agravou, gira em torno de 1,3% no preço da gasolina e de 3,8% no diesel. Já o GLP 13 kg (gás de cozinha), item que afeta as classes mais baixas, continua sem ajuste de preço e está 45,9% acima do mercado internacional.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 19/03/2020****Seção: Economia****Autor:****Título: O petróleo afunda**

O gráfico mostra a derrubada das cotações do petróleo apenas em março. Nesta quinta-feira, o tipo Brent, que serve de parâmetro para os preços do petróleo brasileiro, chegou à mínima de US\$ 24,52 por barril, mas fechou a US\$ 26,79. Não dá para saber qual o fundo desse poço. A economia mundial está parando e o consumo de energia, também. A Petrobrás já reduziu em 30,1% os preços da gasolina e em 29,1% os do diesel, cobrados na refinaria. Esses novos patamares não chegaram aos postos.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 19/03/2020****Seção: Poder****Autor: Phillippe Watanabe****Título: Presidente e Mandetta ignoram protocolo do uso de máscara**

São Paulo O presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, quebraram os protocolos sanitários estabelecidos pelo próprio Ministério da Saúde e por órgãos internacionais de saúde quanto ao uso de máscaras contra o novo coronavírus.

Durante coletiva de imprensa nesta quarta, os dois, conforme iam falar ao microfone, tiravam a máscara. Sergio Moro (Justiça), Paulo Guedes (Economia), Fernando Azevedo e Silva (Defesa) e Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) tiraram as máscaras para se dirigir aos jornalistas.

A indicação é que usem máscaras somente pessoas que estão com sintomas ou que estão no mesmo ambiente que pessoas doentes.

A repórter da Rede Globo Delis Ortiz, sem máscara, chegou a perguntar o motivo do uso do equipamento de proteção no rosto de todas as autoridades presentes coletiva. Bolsonaro tergiversou e falou que não descumpra “qualquer orientação sanitária por parte do senhor ministro da saúde”. “Eu dou o exemplo”, afirmou o presidente, referindo-se à sua participação das manifestações de domingo favoráveis ao governo.

Em seguida, o ministro da Saúde disse que todas as autoridades estavam com máscara porque tiveram contato com o general Augusto Heleno (ministro-chefe

do Gabinete de Segurança Institucional), que teve diagnóstico confirmado de Covid-19. **O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, também contraiu o vírus.

“Faz parte você proteger a cadeia de comando. Todos aqui, nas últimas 48 horas, tivemos trabalho em mesas ao lado do nosso querido general Heleno, um elemento de coesão para todos os ministérios”, afirmou Mandetta, que comparou o uso da máscara por toda a equipe ali presente com a utilização por médicos. “O uso dessa máscara não é nada fora do que é planejado pela saúde.”

O ministro da Saúde disse que a medida era também uma forma de proteger os jornalistas presentes. Para fazer as perguntas, somente um microfone era utilizado por todos os repórteres presentes.

Mandetta defendeu a retirada da máscara ao falar e disse que, por todos em volta estarem protegidos, o risco seria menor.

A orientação das autoridades de saúde é que as pessoas evitem aglomerações e, caso tenham contato com algum caso confirmado de Covid-19, fiquem em observação e isolamento domiciliar.

Mandetta também disse que Bolsonaro, em voo recente, não estava sentado próximo ao general Heleno.

“Estarem todos de máscara significa que alguém daquela mesa está doente? Se está doente não deveria estar ali”, afirma Maurício Nogueira, virologista e professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto.

Segundo o virologista, além do discurso oficial de prevenção contra o novo coronavírus, as autoridades devem observar os exemplos que dão.

“A mensagem de um agente público não respeitando os protocolos de saúde acaba diminuindo a mensagem falada de preocupação com a doença”, afirmou.

Em alguns partes do mundo, houve falta de máscaras para uso de profissionais de saúde. Nesta quarta-feira, enfermeiros em Pernambuco ameaçaram greve por falta de máscaras e sabão nos hospitais.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) já alertou para a escassez de equipamentos de proteção no mundo. Nos EUA, o “surgeon general” (equivalente ao ministro da Saúde nos EUA) Jerome M. Adams pediu ao público que pare de comprar máscaras.

Maurício Nogueira diz que, com exceção do ocorrido na coletiva desta quarta, o ministério da Saúde tem tido atitudes de profissionalismo com a divulgação de informações.

Não foi a primeira vez que Bolsonaro desrespeitou orientações sanitárias. No domingo, contrariando as instruções de evitar aglomerações, o presidente se aproximou de manifestantes em Brasília, teve contato com eles e chegou a tirar selfies com rosto próximo.

Bolsonaro passou o dia compartilhando imagens de protestos a seu favor país afora.

“A partir do momento em que não estou infectado, não estou colocando em risco a vida ou a saúde daquela pessoa. Se você prestar atenção no horário de domingo, quando eu compareci aqui na minha casa, a casa a qual frequento e despacho, a Presidência da República, eu não fui ao encontro de movimento nenhum. O movimento que veio ao meu encontro”, disse Bolsonaro sobre ter participado das manifestações de domingo.

General Heleno e mais um ministro têm vírus

O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, informou nesta quarta-feira que o seu exame para coronavírus teve resultado positivo. Também foi diagnosticado com a doença o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque. O general da reserva, que participou da comitiva presidencial aos Estados Unidos e é um dos ministros mais próximos do presidente, tem 72 anos.

Já Albuquerque tem 61.

Por causa da idade, eles fazem parte do grupo de risco para a doença.

Nas redes sociais, Heleno contou que fez o exame no Hospital das Forças Armadas. "Estou isolado, em casa, e não atenderei telefonemas", disse. Com a confirmação, subiu para 18 o número de integrantes da comitiva presidencial com a doença.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data:** 19/03/2020**Seção:** Poder**Autor:****Título:** Enfraquecido, Bolsonaro é alvo de novo panelaço pelo país e tenta reagir

Após minimizar coronavírus, presidente modula seu discurso, busca diálogo com Poderes, mas enfrenta segundo dia seguido de protesto

SÃO PAULO, BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO Alvo de um novo panelaço espalhado pelo país pelo segundo dia seguido, Jair Bolsonaro tentou nesta quarta-feira (18) uma reação às críticas pela sua conduta diante da crise do coronavírus.

O presidente modulou seu discurso, deu entrevista para divulgar medidas contra a doença, buscou diálogo com outros Poderes, mobilizou aliados para um panelaço a seu favor, mas, à noite, foi repudiado em mobilizações nas principais cidades brasileiras, como São Paulo, Rio, Brasília, Salvador, Recife, Curitiba e Belém.

O panelaço marcado para as 20h30 foi antecipado em quase uma hora em vários lugares, atingindo inclusive redutos bolsonaristas, em meio ao pronunciamento de Bolsonaro. Às 21h, houve algumas manifestações em alguns municípios a favor do presidente.

Bolsonaro, que já se referiu à dimensão da doença como “fantasia”, dizendo haver “histeria” da população, tentou reagir após perder apoio inclusive entre alas conservadoras.

Passou a reconhecer que a situação é grave, embora não tenha demonstrado arrependimento de ter participado de ato no último domingo (15), contrariando recomendação do Ministério da Saúde.

Ele disse ainda que a manifestação contra ele que ocorreu na noite de terça (17) parece espontânea e faz parte da democracia. E aproveitou para tentar arregimentar apoiadores para outro panelaço, pró-governo, na noite desta quarta.

Ao menos 18 pessoas que estiveram com Bolsonaro em comitiva durante viagem aos EUA já contraíram a Covid-19 —os ministros general Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional) e **Bento Albuquerque (Minas e Energia)** foram os mais recentes a entrar na lista. Dois exames do presidente da República, porém, deram negativo.

Na tentativa de reduzir seu desgaste e isolamento, Bolsonaro também fez um aceno aos outros Poderes ao propor um encontro com os presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), e do STF (Supremo Tribunal Federal), Dias Toffoli, após ter endossado atos de bolsonaristas com ataques ao Parlamento e ao Judiciário no domingo.

A proposta, porém, fracassou: Alcolumbre foi diagnosticado à tarde com coronavírus, e Maia cobrou uma pauta mais objetiva e disse que não iria para reunião só “para fotografia”. Só Toffoli esteve com Bolsonaro, que fez um pronunciamento.

Os painéis em janelas de apartamentos se tornaram um dos símbolos de protesto contra a então presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016.

Na terça, foi protocolado na Câmara um primeiro pedido de afastamento de Bolsonaro na Presidência por ter convocado atos contra o Congresso e Judiciário no último fim de semana. A iniciativa foi do deputado distrital Leandro Grass (Rede-DF).

Em entrevista à imprensa, Bolsonaro, ao se referir ao painel contra ele, disse que qualquer protesto popular deve ser compreendido pela classe política. “Parece que é um movimento espontâneo por parte da população. Qualquer movimento por parte da população eu encaro como uma expressão da democracia.”

O presidente afirmou ainda que “em qualquer momento que a nação assim precisar, eu estarei na linha de frente com esse povo, que é o meu exército, que é o exército de todos os democratas do Brasil”.

Além de ter divulgar os atos pró-governo e anti-Congresso no domingo, Bolsonaro participou diretamente da manifestação em Brasília, após sair de carro do Palácio do Alvorada, e cumprimentou apoiadores.

O protesto e a conduta do presidente contrariaram recomendação do próprio ministério, que pediu para a população evitar aglomerações.

Mesmo após ter a atitude reprovada por médicos e por seu próprio ministro Luiz Henrique Mandetta (Saúde), responsável por medidas de combate à doença, Bolsonaro minimizou. Na terça, ainda disse que faria uma “festinha tradicional” para celebrar seus 65 anos no final de semana.

Um dia antes, a ex-aliada Janaina Paschoal, deputada estadual em São Paulo pelo PSL e uma das autoras do pedido de impeachment de Dilma, pediu em discurso que Bolsonaro saia do cargo.

Nesta quarta, após a confirmação do teste positivo do ministro Augusto Heleno, Bolsonaro cancelou reunião ministerial e reservou a sua agenda pública a reuniões e eventos sobre coronavírus, além da entrevista na qual enumerou iniciativas feitas para evitar a expansão da doença.

Em suas declarações, porém, Bolsonaro continuou a defender a necessidade de não entrar em “histeria”.

Mas, desta vez, disse que a curva de casos preocupa. “O que nos buscamos é estender, alongar o prazo daqueles que terão o vírus. O objetivo é alongar o prazo porque o nosso sistema de saúde não tem condições de acolher uma quantidade considerável de atender pessoas, em especial idosos”, disse.

Foi a primeira vez que o presidente demonstrou preocupação com esse ponto, embora afirmações semelhantes venham sendo repetidas pela equipe da Saúde. Ele também disse que não há clima para protestos nas ruas.

“É grave e é preocupante, mas não devemos entrar no campo da histeria ou da comoção nacional”, afirmou. “Não há clima para alguém pensar em manifestação. A realidade vai chegando aos poucos”, disse.

Em um contraponto aos ataques que desferiu desde a semana passada contra o Legislativo, Bolsonaro passou a fazer elogios ao Congresso.

“Nós externamos toda a nossa preocupação. Estamos tendo apoio incondicional por parte da Câmara e do Senado em todas as medidas necessárias”, disse o presidente.

Nas últimas semanas, o gabinete digital do Palácio do Planalto identificou, segundo auxiliares presidenciais, críticas até entre perfis de direita à postura do presidente de minimizar a crise de saúde.

Segundo deputados aliados, o tamanho do painel de terça surpreendeu o presidente.

Apesar de ter baixado o tom, Bolsonaro continuou a prestigiar o diretor-presidente substituto da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), Antonio Barra Torres, em detrimento do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta.

Barra foi chamado para discursar antes de Mandetta e foi elogiado pelo presidente. Ele foi fortemente criticado por servidores da Anvisa por ter participado de manifestação ao lado de Bolsonaro no domingo em frente ao Planalto.

O presidente tem cobrado Mandetta a adotar um discurso mais afinado com o seu no combate à pandemia, a exemplo de Barras. Nesta quarta-feira, o ministro cedeu à pressão do presidente e defendeu, nas redes sociais, que não se crie um clima de desespero. “Não podemos deixar isso se transformar em histeria e desespero! Calma, serenidade, prevenção e ações eficazes são armas importantes para superarmos o coronavírus”, escreveu.

VEÍCULO: O Globo

Data: 19/03/2020

Seção: Especial

Autor: GUSTAVO MAIA, VICTOR FARIAS E DANIEL GULLINO

Título: Dois ministros, Alcolumbre e mais 15 da comitiva de Bolsonaro estão infectados

O contágio no poder:

O número de membros da comitiva presidencial que viajou aos Estados Unidos infectados com o novo coronavírus chegou ontem a 17. Testaram positivo os ministros do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, e de **Minas e Energia, Bento Albuquerque**. Além dos dois, o vírus chegou também ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), que não viajou. Vários dos infectados tiveram agendas cheias com outras autoridades antes de descobrir a doença.

O diagnóstico de Heleno, que tem 72 anos e faz parte do grupo de risco, foi divulgado no Twitter do ministro na manhã de ontem. Ele fez o exame anteontem, no departamento médico do Palácio do Planalto. Na rede social, Heleno ressaltou que ainda aguarda uma contraprova, mas disse que já está em isolamento. Na semana passada, um primeiro exame havia dado negativo.

Já a informação de que o ministro de Minas e Energia está infectado foi divulgada pelo presidente Jair Bolsonaro. Ele afirmou que o ministro está em “excelente estado de saúde, assintomático e observará o isolamento no Rio de Janeiro”.

Apesar de não ter participado da comitiva que foi aos EUA, Alcolumbre pode ter sido infectado por um dos integrantes do grupo, o senador Nelsinho Trad (PSD-MS), que teve o diagnóstico de Covid-19 confirmado na sexta-feira passada. Primeiro parlamentar contaminado, Trad teve uma rotina intensa antes de saber que estava infectado.

— Eu abracei meio Congresso — contou ao GLOBO logo após ser diagnosticado com a doença.

Pelo contato com Trad, Alcolumbre fez o primeiro teste, que retornou com o resultado negativo, no sábado (14). O presidente do Senado, no entanto, começou a sentir uma indisposição na segunda-feira e refez o exame, que detectou a presença do vírus. A informação foi divulgada ontem. Segundo a nota da presidência do Senado, ele “está bem, sem sintomas severos, salvo alguma indisposição, e segue em isolamento domiciliar”.

A AGENDA DOS INFECTADOS

Antes do resultado positivo, Alcolumbre e Heleno se reuniram com autoridades em Brasília. Na segunda-feira, o presidente do Senado participou de um encontro no Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o novo coronavírus com os presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e do Supremo, Dias Toffoli, além do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, do advogado-geral da União, André Mendonça, e dos ministros do STF Gilmar Mendes, Luís Roberto Barroso, Rosa Weber, Luiz Fux e Cármen Lúcia. Não é possível saber se Alcolumbre estava infectado, pois só fez o teste no dia seguinte.

Já o ministro-chefe do GSI se reuniu três vezes com o presidente Bolsonaro depois de fazer o teste que viria a apontar diagnóstico positivo. O militar se encontrou ainda com dois ministros — Jorge Oliveira, chefe da Secretaria-Geral da Presidência, e Luiz Eduardo Ramos, da Secretaria de Governo — e com outras 14 pessoas ao longo do dia, segundo sua agenda oficial.

O ministro Bento Albuquerque, por sua vez, não teve compromissos oficiais nos últimos dois dias. Na sexta-feira, encontrou o diretor-presidente da Vale, Eduardo Bartolomeo, depois de ter recebido na véspera um resultado negativo.

COMITIVA COM VÍRUS

Com o diagnóstico de Heleno e Bento, a lista de infectados da comitiva chega a 17, sem contar com o prefeito de Miami, Francis Suarez, que teve contato com o grupo e foi testado positivo para a doença.

Primeiro a ter o diagnóstico positivado, o secretário especial de Comunicação da Presidência, Fábio Wajngarten, está isolado e publica o dia a dia da doença no Twitter. Na última publicação, na noite de ontem, relatou uma noite de sono ruim, mas sem tosse, febre ou dor no corpo. Assim com Wajngarten, Karina Kufa, advogada de Bolsonaro, usa as redes sociais para falar do tema. Ontem, diz ter acordado disposta e feito pilates.

O deputado Daniel Freitas (PSL-SC) está em auto-isolamento desde o dia em que retornou dos Estados Unidos. Na sexta-feira, recebeu o resultado negativo, do primeiro exame, mas no mesmo dia começou a sentir sintomas de um leve

resfriado: coriza, sensação térmica febril e leve falta de ar. Fez novo teste, que deu positivo. Anteontem, notou uma curiosidade:

— Não estou sentindo cheiro nenhum. Fiquei até meio desesperado com isso. Eu e os meus colegas também, da mesma forma. Fiz o teste do perfume e de fato não senti — comentou, dizendo que compartilhou o sintoma com outros integrantes da comitiva, em um grupo de WhatsApp. (Colaborou Thais Arbex)

VEÍCULO: O Globo

Data: 19/03/2020

Seção: Especial

Autor: GUSTAVO MAIA, NAIRA TRINDADE, DANIEL GULLINO, LEANDRO PRAZERES E MARCELLO CORRÊA

Título: Bolsonaro reage com novo pacote, mas é recebido com painelaços

DIA DE PROTESTO E REAÇÃO DO GOVERNO

BOLSONARO ADMITE 'GRAVIDADE' DA CRISE, E AMPLIA PACOTE ECONÔMICO

Uma mesa formada pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, e mais oito ministros, todos com máscaras, simbolizou a entrada do governo como um todo no combate ao coronavírus no país. Depois de dias minimizando a crise, Bolsonaro pela primeira vez reconheceu a gravidade do avanço da pandemia no Brasil, o que não impediu uma série de protestos contra o presidente, em forma de painelaços em diversas cidades durante suas aparições ao vivo na TV ao longo do dia (leia mais na página 7).

Na reunião ministerial, as principais medidas vieram da área econômica, com o anúncio de R\$ 15 bilhões para trabalhadores informais e de um pacote de ajuda para empresas do setor aéreo.

O presidente também fez acenos por um diálogo melhor com o Congresso para o combate à crise e se reuniu, no fim do dia, com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli. À noite, a Câmara dos Deputados aprovou o pedido do governo de decretação de estado de calamidade pública, que ainda precisa ser votado pelo Senado.

Os protestos não foram o único motivo a levar Bolsonaro a mudar de tom. A ação ocorreu depois de dois ministros terem sido diagnosticados com a doença, Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional) e **Bento Albuquerque (Minas e Energia)**, o que, nas palavras de um auxiliar, fez "cair a ficha" do presidente para a gravidade do problema. Pesou ainda na sua avaliação a informação levada a ele por assessores de que o número de casos e de mortes seguirá crescendo.

Bolsonaro ficou sabendo do teste positivo de Heleno na noite de anteontem, ao mesmo tempo que recebeu a informação de um novo negativo no exame dele próprio. A confirmação deixou o presidente preocupado tanto pela idade do ministro, que tem 72 anos e por isso integra o chamado grupo de risco, quanto por conta do seu papel central no governo. O chefe do GSI é um dos principais conselheiros do presidente, com quem ele se encontra assiduamente no Planalto. Na terça, por exemplo, foram três reuniões, sendo uma delas com 16 pessoas.

“DIAS DUROS”

Ministro-chefe da Casa Civil e escalado para coordenar o grupo interministerial, Braga Netto teve uma conversa com o presidente para alertá-lo que os números de pessoas infectadas e de mortes deve crescer nos próximos dias. Até então, o presidente vinha minimizando a pandemia de forma recorrente, utilizando por diversas vezes a palavra “histeria”. Na coletiva, o presidente voltou a usar a palavra, mas ressaltando o reconhecimento da gravidade do problema.

— É uma questão grave, mas não podemos entrar no campo da histeria, esse sempre foi meu pensamento como chefe de estado, levar paz e tranquilidade a todos, mas sem deixar de me preocupar com as consequências do que está acontecendo — disse o presidente.

Bolsonaro disse que o país terá “dias duros pela frente” e defendeu que sejam seguidos os protocolos defendidos pelo Ministério da Saúde.

— O problema está aí, está batendo à nossa porta. Teremos dias difíceis, dias duros pela frente. Agora serão menos difíceis se cada um de vocês se preocupar consigo, com seus parentes e com os seus amigos.

No fim do dia, Bolsonaro e Toffoli assinaram juntos um projeto de lei emergencial que será enviado ao Congresso que cria um comitê de órgãos de Justiça e de controle para solucionar litígios relacionados a medidas de enfrentamento ao novo coronavírus.

Em pronunciamento, Bolsonaro afirmou que a matéria dá segurança jurídica ao gestor das ações de emergência e teve o aval dos presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), e da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Alcolumbre não compareceu após ter recebido resultado positivo para a doença. Maia comandava votação na Câmara do decreto de calamidade pública, mas antes havia avisado que não iria ao Planalto apenas para tirar uma foto, apesar de ter elogiado a mudança de tom no Planalto.

— Acho que hoje pela primeira vez a gente tenha visto uma foto na qual a sociedade pode falar: “Agora sim começaram a se preocupar com a vida das

pessoas”, e essa deve ser a preocupação de todos nós no Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário — afirmou Maia.

MEDIDAS ECONÔMICAS

As medidas mais concretas anunciadas vieram da equipe econômica. O ministro Paulo Guedes informou que haverá a distribuição de um voucher no valor de R\$ 200 a trabalhadores informais de baixa renda tem um custo estimado de R\$ 15 bilhões, equivalente à metade do que é gasto anualmente com o Bolsa Família, programa que, como anunciado, terá o caixa reforçado. Sem dar detalhes, Guedes também revelou haver um estudo para que o governo assuma parte do salário de funcionários de micro e pequenas empresas.

O ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, tratou das questões relativas ao setor aéreo. Uma Medida Provisória vai permitir às empresas adiar em um ano o reembolso devido a passageiros que cancelarem as viagens. Os clientes, por sua vez, ficarão livres de multas contratuais por desistir da viagem. As empresas também poderão mudar o prazo de pagamento de tarifas, enquanto as concessionárias poderão deixar para dezembro o pagamento de outorgas, sem multas.

VEÍCULO: O Globo

Data: 19/03/2020

Seção: Economia

Autor: PEDRO CAPETTI

Título: IBGE suspende coleta de preços da inflação por coronavírus

Índices como IPCA serão calculados com base em dados coletados na internet

O IBGE e o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) anunciaram ontem a suspensão da coleta presencial de indicadores econômicos em razão das dificuldades causadas pela pandemia de coronavírus. Com isso, serão afetados índices de inflação, preços da cesta básica e do custo de vida.

No IBGE, houve a suspensão da coleta presencial dos índices de inflação, como IPCA, IPCA-15, IPCA-E e INPC, além da série de indicadores da construção civil. Apesar da paralisação, eles serão divulgados normalmente.

Segundo Gustavo Vitti, coordenador de Índices de Preços do IBGE, a suspensão vai afetar parcialmente o indicador, uma vez que as coletas agora serão feitas exclusivamente pela internet.

— A coleta que era feita presencialmente será feita no site. Em testes, vimos que a discrepância do preço não é muito diferente do que está sendo comercializado presencialmente. Seguiremos monitorando os preços conforme os hábitos dos brasileiros — afirma.

Vitti explica que, no caso dos locais onde não houver comércio on-line, serão feitas substituições seguindo a metodologia prevista no indicador, afim de buscar a informação em sites.

Na terça, o instituto já havia adiado a realização do Censo para 2021 e anunciado a interrupção da coleta domiciliar da Pnad Contínua, que mede o desemprego no país.

O prejuízo de indicadores importantes para a economia brasileira poderá ter impacto na tomada de decisões dos agentes políticos, principalmente em um período marcado pela incerteza e necessidade de políticas públicas para combater os efeitos do coronavírus.

O INPC, por exemplo, é usado para reajustar o salário mínimo e serve de base nas negociações das empresas com os trabalhadores. O IPCA serve como indexador de remuneração de títulos públicos e é referência para a meta de inflação.

No Dieese, foram interrompidas a produção do Índice de Custo de Vida (ICV), da coleta do preço da cesta básica nacional, feita em 18 capitais, e da pesquisa de emprego do Distrito Federal.

Para Patrícia Pelatieri, diretora técnica responsável pela área de estatística do Dieese, caso a paralisação perdure por muito tempo, séries históricas das pesquisas nacionais podem ser comprometidas:

— Estamos buscando formas de preservar levantamentos sem colocar em risco as pessoas, conseguindo utilizar os recursos tecnológicos para cobrir parte dessa perda. Pode ser algo irreparável para estatísticas do país.

Petrobras reduz preço da gasolina em 12%

-

> Diante das quedas no preço do petróleo, a Petrobras vai reduzir 12% o preço da gasolina e em 7,5% do óleo diesel em suas refinarias a partir de hoje.

> No ano, o preço do barril do tipo Brent acumula queda de 56,4%.

> Semana passada, o preço da gasolina tinha caído em 9,5%.

VEÍCULO: O Globo**Data: 19/03/2020****Seção: Colunas****Autor: Ancelmo Gois****Título: Rio perde R\$ 3,4 bilhões**

A conta é de André Luiz Marques, coordenador do centro de gestão e políticas públicas do Insper. Ontem, como se sabe, o preço do barril do petróleo fechou a US\$ 25,8 dólares. Com o dólar a R\$ 5,11, a previsão é de que o Estado do Rio perca, só em 2020, uns R\$ 3,4 bilhões.

VEÍCULO: O Globo**Data: 19/03/2020****Seção: O País****Autor: AGUIRRE TALENTO E BELA MEGALE BRASÍLIA****Título: Polícia Federal acusa Aécio Neves de receber R\$ 65 mi em propina**

Valores teriam sido pagos pela Odebrecht e Andrade Gutierrez em troca de ajuda nas obras das hidrelétricas do Rio Madeira

A Polícia Federal concluiu um dos inquéritos contra o deputado federal Aécio Neves (PSDB-MG) e apontou ter rastreado o pagamento de R\$ 65 milhões em propina da Odebrecht e da Andrade Gutierrez ao tucano, em troca de ajuda nas obras das hidrelétricas do Rio Madeira, em Rondônia.

O relatório final da investigação foi enviado ao Supremo Tribunal Federal (STF) na segunda-feira. Caberá agora à Procuradoria-Geral da República decidir sobre o oferecimento de denúncia.

Na investigação, doleiros ouvidos pela PF confirmaram ter viabilizado recursos para operadores de Aécio, utilizando o esquema de Dario Messer, o “doleiro dos doleiros”, preso pela Lava-Jato do Rio. A PF acusa Aécio dos crimes de corrupção passiva e de lavagem de dinheiro.

Também são acusados desses mesmos crimes o empresário Alexandre Accioly, compadre e amigo de juventude do tucano, e o ex-diretor de Furnas Dimas Toledo. Os dois são apontados como operadores do tucano para o recebimento da propina.

“Estão presentes indícios suficientes de autoria e de materialidade de que o deputado federal Aécio Neves da Cunha, ao receber valores indevidos no total de R\$ 64.990.324,00 (sessenta e quatro milhões, novecentos e noventa mil, trezentos e vinte e quatro reais) do grupo Odebrecht e da construtora Andrade

Gutierrez entre os anos de 2008 e 2011, praticou a conduta tipificada no art. 317 do Código Penal, e portanto, praticou o delito de corrupção passiva, com pena de 2 a 12 anos”, escreveu o delegado Bernardo Guidali Amaral, na conclusão do inquérito.

Segundo o documento, a Odebrecht teria feito pagamentos de R\$ 28,2 milhões por meio de dinheiro em espécie e também através do doleiro José Antônio Estevão Soares, integrante do esquema de Dario Messer.

Os repasses, diz o relatório, foram intermediados por Dimas Toledo. Outro montante, de R\$ 1,7 milhão, foi pago pela Odebrecht, diz a PF, por meio de transferências no exterior a uma conta sediada em Singapura e que, segundo a investigação, pertence a Accioly.

Já a Andrade Gutierrez, afirma o relatório, repassou R\$ 35 milhões por meio de dois investimentos na holding dona da academia Bodytech, que pertence a Alexandre Accioly.

No relatório, o delegado Bernardo Guidali Amaral afirma ainda que os repasses “ocorreram em contrapartida pelo exercício de influência a sobre o andamento dos negócios da área de energia desenvolvidos em parceria pelas respectivas construtoras, como os projetos do Rio Madeira, as Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no Estado de Rondônia, e, notadamente, sobre a Cemig, companhia de capital aberto controlada pelo Governo do Estado de Minas Gerais, e Furnas, empresa de economia mista, subsidiária da Eletrobras”

A investigação usou também a delação premiada do ex-governador do Rio Sérgio Cabral. Em depoimento à PF, Cabral afirmou que o próprio Aécio lhe disse que Dimas Toledo era seu operador financeiro e pessoa de sua confiança.

Além desse caso, Aécio já é réu em uma denúncia movida pela PGR, que o acusou de receber R\$ 2 milhões em propina da J&F. O tucano foi gravado pelo dono da empresa, Joesley Batista, acertando o pagamento de valores.

RELATÓRIO É CONTESTADO

Procurada, a defesa de Aécio Neves afirmou que “manifesta sua absoluta perplexidade com as absurdas conclusões do relatório”. E argumentou que “a obra investigada, relacionada à represa de Santo Antônio, era de responsabilidade do governo federal à época, ao qual o então governador fazia oposição, e foi realizada em Rondônia, portanto sem qualquer relação com o governo de Minas Gerais”, diz a nota assinada pelo advogado Alberto Toron.

A defesa do tucano diz ainda que “as temerárias e fantasiosas conclusões a que chega o delegado são baseadas em delações espúrias, algumas delas sequer aceitas pelo MPF e em relatos de ouvir dizer. Não há um singelo elemento de

prova que as corrobore”. A nota afirma ainda que a conta de Cingapura “pertence a uma cidadã irlandesa que não tem nenhuma vinculação com os fatos sob investigação”..

A defesa de Alexandre Accioly, por sua vez, classificou de “improcedentes” as conclusões da PF e rebateu as acusações. Disse que “as conclusões formuladas pela autoridade policial em seu relatório sobre a sociedade até hoje vigente, entre a AALU (QuatroA) e a Andrade Gutierrez/ Safira, são totalmente improcedentes” e afirmou que o empresário deixou claro, em depoimento, que, desde 2010, a Andrade Gutierrez, por meio da Safira Participações, detém participação minoritária numa sociedade com a sua empresa AALU. Segundo a defesa, a sociedade jamais distribuiu dividendos. “Como se deu a ‘transferência’ de recursos sob a forma de propina se a companhia não distribuiu dividendos?”, diz a nota, assinada pelos advogados Renato de Moraes e José Luís de Oliveira Lima.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 19/03/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Petrobras reduz o preço do gás

Na tentativa de dar um alívio no bolso nos trabalhadores, devido à crise provocada pela pandemia de coronavírus, a Petrobras anunciou, ontem, a redução de 5% os preços do gás de cozinha. Segundo a estatal, os novos preços passarão a vigorar a partir de hoje. A medida valerá tanto para o GLP vendido para a indústria quanto para o comércio.

Também ontem, a Petrobras reduziu os preços da gasolina em 12% nas refinarias e em 7,5% os valores do diesel. É um reflexo da forte queda das cotações do petróleo no mercado internacional, negociado abaixo dos US\$ 30 o barril.

Porém, a medida não significa a queda imediata no preço da gasolina e do diesel para os consumidores. A redução para os consumidores depende da quantidade de combustível que os distribuidores têm armazenado, impostos, margem de lucro e outras questões.

Com a nova redução, o preço da gasolina vendida pela Petrobras nas refinarias já caiu 30,1% e o diesel, 29,1% no ano, ainda não totalmente repassada para o consumidor, avaliam analistas, que já previam uma queda gradual nas bombas dos postos de abastecimento. O impacto maior, alertam, será na arrecadação

dos royalties para os governos.

Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), nos postos de abastecimento a gasolina desde janeiro até o dia 14 de março caiu 1,3% e o diesel, 3,8%. A expectativa de arrecadação de royalties, pela projeção da ANP, seria de R\$ 28,4 bilhões em 2020, sendo R\$ 5,9 bilhões para o Rio de Janeiro, maior estado produtor. A simulação, porém, leva ainda em conta uma média de preço do petróleo de US\$ 60,10 o barril e da cotação do dólar em R\$ 4,05.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 19/03/2020

Seção: Política

Autor: Augusto Fernandes/Ingrid Soares/Luiz Calcagno

Título: Duas faces sob a máscara

Depois de classificar a pandemia de coronavírus de “fantasia” e reiterar que estava havendo um superdimensionamento da doença no Brasil — provocado pela mídia, segundo acusou —, o presidente Jair Bolsonaro surgiu de máscara na coletiva de imprensa que deu ontem, no Palácio do Planalto, acompanhado de oito ministros. Entretanto, no decorrer do ato, convocado para comentar sobre as ações contra a Covid-19, o chefe do Executivo e demais integrantes da mesa tiraram o equipamento de proteção recorrentemente.

A atitude de Bolsonaro e ministros contraria orientações do Ministério da Saúde, segundo o qual, o uso da máscara é recomendado apenas por pessoas com sintomas do coronavírus e profissionais da saúde em atendimento. Porém, o próprio titular da pasta, Luiz Henrique Mandetta, estava de máscara na coletiva. Além disso, todos eles tiraram o equipamento de proteção recorrentemente ao longo da coletiva.

“Estamos usando máscaras porque, além do general Heleno (ministro do Gabinete de Segurança Institucional), que teve contato com alguns aqui, também tivemos positivo o teste do **ministro de Minas e Energia, o almirante Bento (Albuquerque)**. Então, obviamente nosso cuidado deve ser redobrado”, informou Bolsonaro. Os dois ministros anunciaram, ontem, que testaram positivo para o coronavírus.

Bolsonaro reconheceu que, “evidentemente, o cuidado nosso tem que ser

redobrado”. No entanto, voltou a frisar que não há motivo para histeria. “Minha obrigação como chefe de Estado é me antecipar a problemas, levar a verdade à população, mas que essa verdade não ultrapasse o limite do pânico. Passaremos por isso. Já tivemos problemas mais graves no passado, que não teve essa comoção toda, ou repercussão por parte da mídia brasileira”, afirmou.

De acordo com ele, o momento é de união, reflexão e buscar soluções. “A verdade está aí. É uma questão grave, mas não podemos entrar no campo da histeria. Esse é meu pensamento e minha função como chefe de Estado é levar paz e tranquilidade a todos. Sem deixar de se preocupar com as consequências do que está se aproximando”, frisou. “É grave, é preocupante, mas não chega ao campo da histeria e comoção nacional.”

Manifestações

Questionado se, após os exames positivos para o coronavírus entre ministros, teria errado ao deixar o Planalto, no domingo, para falar e cumprimentar manifestantes que protestaram contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal, o presidente argumentou que seu teste havia dado negativo. Porém, a informação de que ele estaria, de fato, livre do vírus só foi divulgada na noite de terça-feira.

“Quando fui no domingo aqui à rampa desse prédio (Palácio do Planalto), eu não estava infectado. Já tinha parecer dando como negativo. Eu, como chefe do Executivo, tenho de estar na frente, com meu povo”, se defendeu. Os manifestantes foram às ruas, no domingo passado, protestar contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF).

Ele acrescentou que estava “sabendo dos riscos que corria” e disse que a grande parte da mídia “potencializou” a atitude dele. “Como se fosse o único (ato) e tivesse sido programado por mim. Não convoquei ninguém. Não existe nenhum áudio nem uma imagem minha convocando para o dia 15 de março.” Mas existem áudio e imagem, sim. No último dia 7, em cerimônia em Roraima, ele incitou a participação nas manifestações. “Dia 15, agora, tem um movimento de rua espontâneo. É um movimento espontâneo, e o político que tem medo de movimentos de rua não serve para ser político. Então, participem. Não é um movimento contra o Congresso, contra o Judiciário. É um movimento pró-Brasil”, discursou. Além disso, ele divulgou para apoiadores, por WhatsApp, dois

vídeos convocando para os atos.

Ainda assim, o presidente insistiu nas contradições. “Agora, com a realidade posta, com os riscos que parcela da população pode vir a sofrer, nós externamos toda a nossa preocupação, bem como estamos tendo apoio incondicional por parte da Câmara e do Senado, de todas as medidas que porventura se façam necessárias para que esse problema seja atenuado”, afirmou. “Agradeço aos poderes da República pela compreensão e pelo apoio que têm nos dado para buscar, não soluções, que no momento ainda não existem, mas para atenuar esse grave problema que se aproxima.”

Bolsonaro afirmou que, por parte da economia, o despacho que solicita ao Congresso que decrete estado de calamidade pública garantirá medidas para a saúde e o emprego da população (leia reportagens nas páginas 4 e 7)

“Profissionais da saúde”

O ministro Luiz Henrique Mandetta justificou o uso da máscara: “A grande maioria (dos integrantes do governo) está fazendo trabalhos em conjunto. Nós estamos nos comportando como se fôssemos profissionais de saúde. Nós temos uma cadeia de comando de todos os ministérios, e faz parte do planejamento para o enfrentamento da epidemia proteger a cadeia de comando”, disse.

MME / ASCOM .